

# Turismo de base comunitária na Ilha de Caratateua-PA: estratégia de valorização da(s) cultura(s) e memória(s) locais



*Mariane dos Santos Vieira<sup>1</sup>*

*Monique Medeiros<sup>2</sup>*

*Myriam Cyntia Cesar de Oliveira<sup>3</sup>*

*Ágila Flaviana Alves Chaves Rodrigues<sup>4</sup>*

## RESUMO

A Ilha de Caratateua (PA), localizada na região insular do município de Belém, apresenta uma economia majoritariamente baseada em pequenos e médios comércios, em sua maioria informais. Dentre as atividades socioprodutivas locais, o turismo passou a ganhar destaque impulsionado pelo projeto “Roteiro de Memória”, desenvolvido pelo Ecomuseu, entre os anos de 2017 e 2020. Com a atenção direcionada a esse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar as irradiações socioprodutivas e organizacionais do referido projeto. A metodologia contou com levantamento bibliográfico, documental, bem como entrevistas semiestruturadas direcionadas a sete famílias que fizeram parte do roteiro. Os principais resultados demonstram que a Ilha de Caratateua detém um rico potencial de bens naturais, culturais e manifestações de fé. Em contrapartida, muitos são os desafios para a consolidação do turismo de base comunitária, haja vista que os comunitários sofrem com a descontinuidade dos projetos, com a precariedade dos transportes, incentivos sociais e econômicos, além da falta de uma articulação local como a encontrada em organizações do associativismo ou do cooperativismo, permitindo assim que possam ter o maior domínio sobre o desenvolvimento da oferta turística.

**Palavras-chave:** Turismo de base comunitária. Região insular de Belém. Ilha de Caratateua (Belém, PA). Ecomuseu da Amazônia. Inclusão social.

---

1 Integrante do programa de pós-graduação do INEAF, mestrado em Agriculturas Amazônicas . E-mail: maaryvieira460@gmail.com.

2 Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA/UFPA). E-mail: mmedeiros@ufpa.br.

3 Docente do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares - INEAF. E-mail: myriam.oliveira@mds.gov.br.

4 Doutoranda em Desenvolvimento Socioambiental e Mestra em Planejamento do Desenvolvimento (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA / UFPA). E-mail: agflaviana@gmail.com.

## **ABSTRACT**

The Ilha de Caratateua (PA), located in the insular region of the municipality of Belém, has an economy mainly based on small and medium-sized businesses, mostly informal. Among the local socio-productive activities, tourism began to gain prominence driven by the “Roteiro de Memória” project, developed by the Ecomuseum, between 2017 and 2020. socio-productive and organizational aspects of the referred project. The outline methodology with bibliographical and documentary survey, as well as semi-structured interviews directed to seven families that were part of the script. The main results showed that the island of Caratateua protects a rich potential of natural, cultural and faith manifestations. On the other hand, there are many challenges for the consolidation of community-based tourism, given that the community suffers from the discontinuity of projects, from the precariousness of transport, social and medical incentives, in addition to the lack of a local articulation such as that found in associativism or cooperativism organizations, thus allowing it to have greater control over the development of the tourist offer.

**Keywords:** Community-based tourism. Insular region of Belém. Caratateua Island (Belém, PA). Ecomuseum of the Amazon. Social inclusion.

## INTRODUÇÃO

De acordo com Costa (2013) e Moraes e Irving (2018), o turismo de base comunitária (TBC) pode ser compreendido como um estímulo e favorecimento ao desenvolvimento turístico, que prioriza o protagonismo local, a sustentabilidade e assegura o compromisso de geração de benefícios econômicos para as populações envolvidas. Os autores mencionam que este tipo específico de turismo considera como pressupostos a melhoria da qualidade de vida dos moradores locais e o empenho na conservação dos recursos naturais e culturais dos lugares turísticos.

Para Braziliando (2020), o TBC implica em fazer turismo oportunizando aos comunitários o protagonismo da experiência. “Além disso, tem como pilar a sustentabilidade sociocultural, econômica e ambiental” (Braziliando, 2020, n.p.). Os moradores oferecem aos visitantes suas casas como hospedaria, executam atividades de condução e guiamento pelos atrativos naturais e culturais, disponibilizam transporte e alimentação, dentre outras vivências baseadas na cultura local e nos seus saberes e fazeres<sup>5</sup> cotidianos.

Assim, o Brasil apresenta uma rica sociobiodiversidade, o que atrai a atenção de turistas deste e de outros países (Sampaio; Coutinho; Rodrigues, 2012). Na Amazônia, essa sociobiodiversidade ganha ainda maior expressividade, e o turismo de base comunitária se coloca como uma possibilidade de vivenciar experiências com populações tradicionais diversas, de conhecer riquezas patrimoniais socioculturais e ambientais (Figueiredo, 2022), podendo ser vivenciado tanto no ambiente rural quanto no ambiente urbano.

A experiência do TBC na Ilha de Caratateua, na região insular de Belém, tem despertado a atenção de especialistas em turismo e de pesquisadores devido ao potencial turístico que a Ilha demonstra ter. Tal destaque tem se tornado mais visível após a implementação do projeto “Roteiro de Memória”, desenvolvido pelo Ecomuseu da Amazônia, da Fundação Centro de Referência Ambiental Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (Funbosque). O Roteiro de memória trata-se de um roteiro turístico que envolve nove pontos de memória<sup>6</sup>, que correspondem a áreas onde são desenvolvidas atividades culturais e socioprodutivas na Ilha.

O projeto buscou dar visibilidade e valorizar o patrimônio material e imaterial que existe em Caratateua e encontrou congruência direta com o caráter propositivo do Ecomuseu da Amazônia, reconhecido como um museu-território, distinto da determinação dos museus ditos tradicionais, em especial, por sua atuação para além do espaço construído de uma sede física, tendo como especificidade fortalecer as iniciativas locais, a fim de garantir a preservação dos saberes e fazeres, a cultura e a conservação do ambiente natural por meio de práticas mais sustentáveis e da educação museal<sup>7</sup>.

---

5 Trata-se de um conjunto de aprendizados transmitido de geração em geração em uma comunidade, construído empiricamente por meio de erros e tentativas a respeito do uso comum de bens naturais e dos manejos, dentre outras práticas. Esses conhecimentos são repassados intergeracionalmente através da oralidade (Boscolo; Rocha, 2018; Diegues; Arruda, 2001).

6 A denominação e o reconhecimento como “Ponto de memória” são realizados pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). A instituição busca, por meio do reconhecimento de tais pontos, identificar, apoiar e fortalecer iniciativas de memória e museologia social pautadas na gestão participativa e no vínculo da comunidade com seu território (Pereira, 2018).

7 Segundo Cazelli e Valente (2019) e Desvallées e Mairesse (2013, p. 39), educação museal se refere ao processo educativo, focado no indivíduo e sua interação com a sociedade, que valoriza suas formas de fazer e viver a cultura, a política, a história, entre outros.

Essas iniciativas têm em comum sua estruturação junto às comunidades, de forma alicerçada à realidade local, pautada em saberes e fazeres tradicionais da região amazônica. Elas reacendem as reflexões de Diegues (2010) sobre a importância de conservar a biodiversidade de forma interdisciplinar, envolvendo as comunidades em estratégias múltiplas, que valorizam a diversidade sociocultural. Nesse caso, os comunitários deixam de estar à margem das atividades turísticas e passam a integrar as redes de oferta de bens e serviços aos visitantes.

Ainda que essas experiências, em especial as que envolvem comunitários da Ilha de Caratateua, pareçam já despertar processos de desenvolvimento mais territorializados, análises mais aprofundadas acerca destas podem indicar fragilidades e potencializar sua consolidação. Dessa forma, com a atenção direcionada ao contexto da região insular de Belém, o presente trabalho tem como objetivo analisar as irradiações socioprodutivas e organizacionais do projeto Roteiro de Memória, desenvolvido pelo Ecomuseu da Amazônia, na Ilha de Caratateua (PA).

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, o estudo compreende três importantes momentos. No primeiro, os principais conceitos e ideias mobilizados na análise são esclarecidos: a) as políticas públicas criadas para o fortalecimento do turismo de base comunitária; b) os patrimônios culturais (i)materiais da Amazônia potenciais para o TBC; c) o contexto socioespacial da Ilha de Caratateua, onde são apresentados maiores esclarecimentos sobre o lócus de pesquisa e seus atrativos; e d) o Ecomuseu da Amazônia e os primeiros passos para o TBC na Ilha de Caratateua.

No segundo momento, os aspectos metodológicos que guiaram a construção da pesquisa são apresentados, tais como pesquisa documental no Ecomuseu da Amazônia e conversas informais com quem fez parte do desenvolvimento e execução do roteiro. Foram utilizadas as ferramentas de diário de campo (Da Silveira Kroef; Gavillon; Ramm, 2020) e caminhadas transversais (Alencar; Gomes, 2001) pelos espaços socioprodutivos, além da observação participante (Minayo, 2011) e aplicação de entrevistas semiestruturadas (Minayo, 2011).

No terceiro, são apresentados os pontos de memória da Ilha de Caratateua, identificados pelo Ecomuseu, bem como suas especificidades e similaridades, evidenciando que muitas são as potencialidades que a Ilha detém acerca do desenvolvimento local por meio do TBC. Os roteiros de memória permitiram que os comunitários se apropriassem e contassem sua história, e a forma protagonizaram cada processo, valorizando seus saberes e fazeres locais. Entretanto, observou-se que há muito o que se fazer para consolidar a prática do TBC, como por exemplo, construir uma organização própria dos atores locais, que permita uma constância maior no desenvolvimento das atividades, seja em formato de associação ou cooperativa, pois os atores sociais não estão articulados o suficiente para prosseguir com o desenvolvimento dos roteiros sozinhos, já que foi demonstrado que o Ecomuseu da Amazônia é quem estava à frente dessas articulações.

## **TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC): APRESENTANDO O CONTEXTO**

A partir de 2003, os Planos Nacionais de Turismo (PNT) implementados pelo Ministério do Turismo possibilitaram maior articulação e envolvimento entre as esferas governamentais federais, estaduais e municipais. A regionalização do turismo passa a fornecer premissas para se pensar um planejamento voltado para a construção de um diálogo mais participativo entre as diferentes instâncias do setor turístico nacional.

A proposta de gestão participativa também se apresenta no PNT entre os anos de 2007 e 2010, cuja principal inovação foi a criação da Câmara Temática de Turismo Responsável, no âmbito do Conselho Nacional de Turismo, com vista a articular e planejar ações direcionadas para o setor turístico. Na Câmara Temática do PNT, toma corpo a discussão sobre formas de garantir a inclusão, a redução das desigualdades regionais e a sustentabilidade no segmento.

Entretanto, apesar dos avanços em relação às políticas públicas para o setor, “a maioria dos programas e projetos não incorporou a temática da inclusão social, em sua complexidade” (Sancho; Irving, 2010), o que significa dizer que existe ainda uma lacuna no que diz respeito à complexidade das populações locais na construção dessas políticas.

Para Sancho e Irving (2010, p. 118), “as dimensões de análise de inclusão social, (...) foram expressas ainda de maneira pontual e fragmentada nos programas ou projetos do PNT 2003/2007, o que tende a gerar resultados apenas parciais diante da complexidade dos compromissos enunciados”.

No atual PNT 2018/2022, essa abordagem de turismo responsável foi expandida, colocando em evidência sua importância, a valorização dos produtos turísticos e a conservação dos patrimônios naturais e culturais locais. Contudo, apesar da inclusão social estar presente no discurso, observa-se que ainda se mantém uma perspectiva mais convencional de turismo, baseada meramente nos aspectos econômicos, pautada pela não inclusão das populações locais, bem como pouco respeitando o ambiente e a cultura das comunidades.

Silveira, Paixão e Cobos (2006) e Coriolano e Sampaio (2012) evidenciam os avanços nas políticas públicas para o turismo e inclusão social, mas também a ainda frágil estratégia de gestão para atender às diretrizes dos PNTs de forma eficaz e contínua.

De acordo com Sampaio (2007, p. 162), se faz necessário que o turismo seja tratado a partir de um enfoque que leve em conta sua complexidade, pois o “objeto turismo, como outros, transcende a perspectiva disciplinar de um especialista, mesmo que este tenha boa vontade”. O autor chama atenção para que se trabalhe a atividade turística de acordo com a realidade local, junto às comunidades, assim como reflete que seria importante que as diretrizes do PNT e sua operacionalização respeitassem as especificidades do território, impulsionando formas mais desejáveis e sustentáveis de turismo.

Segundo Costa (2013), o turismo desejável é baseado nos caminhos da sustentabilidade e sua transversalidade que perpassa em pelo menos três dimensões: a social, a econômica e a ambiental. Segundo a autora, mesmo que não seja possível tal atividade ser totalmente sustentável, é factível que se busquem caminhos para atingir essa sustentabilidade.

Atualmente, a mercantilização da natureza e da cultura sem a relevância social vem sendo questionada. O protagonismo e valorização dos saberes, da cultura e dos bens naturais locais são “o que o ser humano tem de mais rico, que é a sua possibilidade de relação direta com o outro e com o diverso” (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009, p. 21). O TBC se apresenta como uma alternativa e reflexo da sociedade contemporânea, que não busca mais apenas a compra e venda de serviços turísticos (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009, p. 21).

O TBC envolve interesse, mobilização, articulação, conhecimento, valorização e diálogo com a comunidade, seja ela um bairro, uma vila, uma cidade ou um conjunto delas. Segundo Silva e Sá (2012), uma das formas para isso acontecer é partir da formação de um grupo gestor disposto a discutir o processo de desenvolvimento do turismo. Tal iniciativa tem fundamento nos princípios da economia solidária e do comércio justo, podendo levar à constituição de cooperativas, associações e outras formas de organização que visem empreender em turismo.

No Pará, o projeto de Ecoturismo de Base Comunitária no Polo Tapajós (EBCPT), realizado na comunidade Anã, no município de Santarém, evidenciado nos trabalhos de Barreto e Tavares (2016) e Assis et al. (2021), pode ser citado como um exemplo de alternativa para a conservação ambiental de forma coerente e participativa, com a geração de renda para comunidades tradicionais.

A Casa do Celso<sup>8</sup>, na Ilha das Onças, município de Barcarena, e a Produção de Chocolate Artesanal Dona Nena<sup>9</sup>, na Ilha do Combu, município Belém, também materializam exemplos de famílias que, a partir de práticas extrativistas e de um modo de vida particular, encontraram no turismo uma oportunidade de agregar mais uma atividade econômica ao seu sistema de produção. No município de Belém, destaca-se a experiência recente do TBC na Ilha de Caratateua, com destaque para o projeto “Roteiro de Memória”, desenvolvido pelo Ecomuseu da Amazônia, responsável por envolver pontos de memória que correspondem a áreas onde são desenvolvidas atividades culturais e socioprodutivas.

Assim, o TBC pode ocorrer tanto nos ambientes considerados rurais quanto urbanos, em que os viajantes buscam conhecer e interagir com o modo de vida, com a história local, com a natureza, cultura e organização social, entre outros aspectos da vida das pessoas do lugar (Silva; Sá, 2012).

O principal atrativo do turismo de base comunitária é o modo de vida local, ou seja, a sua memória social, cultural e histórica enriquecida pelos saberes, sabores e fazeres comunitários como a história oral, legado histórico, heranças culturais, origens, conhecimento popular, comidas típicas, festas e outras manifestações culturais e religiosas, músicas, danças, grupos culturais e recreativos, festivais, memoriais, arquiteturas, feiras livres, projetos sociais, atividades econômicas, os aspectos naturais e tudo mais que seja autêntico e capaz de fornecer experiências significativas aos visitantes (Silva; Sá, 2012, p. 13).

De acordo com o Ministério do Turismo (MTUR) (Brasil, 2008), o TBC é uma maneira diferente de se fazer o turismo, sendo a atividade um modelo de desenvolvimento orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização cultural, e, principalmente, pelo protagonismo das comunidades locais que o executam. Desta feita, tem-se o TBC como um modelo gestão e/ou negócios que possibilita desenvolvimento social e econômico para as comunidades envolvidas.

Não sem contradições e conflitos, o processo participativo deve contar com as famílias, associações comunitárias, escolas, ligas esportivas e culturais, grupos de jovens, mulheres, idosos e até mesmo crianças (Silva; Sá, 2012). Assim, as tomadas de decisão devem caber à maioria, mensurando-se os prós e contras da atividade turística sobre a qualidade de vida dos moradores em toda sua diversidade, o que nem sempre acontece de maneira consensual.

8 A casa do Celso é uma iniciativa familiar que teve o apoio da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) que, desde 2018, vem recebendo visitantes nacionais e estrangeiros. Oferece hospedagem, culinária típica da região, vivências de pesca e coleta do açaí, além de passeios e banhos de igarapé. Acessar em: [https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2963:casa-do-celso-tecnologias-sociais-implantadas-pela-ufra-sao-aliadas-de-empendedor-ribeirinho-na-ilha-das-oncas&catid=17&Itemid=121](https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2963:casa-do-celso-tecnologias-sociais-implantadas-pela-ufra-sao-aliadas-de-empendedor-ribeirinho-na-ilha-das-oncas&catid=17&Itemid=121)

9 A “Filha do Combu”, ou como popularmente é conhecida “Dona Nena”, ganhou destaque pela produção de “chocolate rústico”. Dona Nena recebe visitantes que fazem trilhas pelas áreas onde estão os cacauzeiros centenários, dando a oportunidade de acompanhar os processos de transformação do fruto em chocolate (Maia; Nunes; Cruz, 2017).

## REFLETINDO SOBRE A POTENCIALIDADE DO TBC NA ILHA DE CARATATEUA: ATRATIVOS E PATRIMÔNIOS (I)MATERIAIS

O patrimônio cultural material refere-se ao acervo que é palpável e tangível, podendo ser observado e apreciado por suas características físicas e/ou materiais. Já o patrimônio cultural imaterial, de acordo com a Constituição Federal de 1988, mais especificamente com os Artigos Nº 215 e Nº 216, abarca as práticas, o modo de vida das comunidades, ou seja, está ligado aos saberes-fazer dos povos, às tradições, aos rituais e crenças, à sociobiodiversidade (BRASIL, 1988). A valorização desses bens culturais e dos saberes e fazeres locais permite que comunidades tradicionais assumam um papel fundamental e representativo na sociedade, assumindo sua própria identidade, que marca e faz pertencer ao seu grupo.

A Amazônia brasileira apresenta significativo acervo de patrimônio cultural, configurado por bens materiais e imateriais, “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Constituição, Art. 216, 1988). Esses bens compreendem belezas incomensuráveis, que partem de monumentos históricos, até iguarias e tradições populares que são singulares a cada localidade (Sampaio; Coutinho; Rodrigues, 2012).

Na região, o município de Belém, capital do estado do Pará, é amplamente reconhecido por seus patrimônios culturais e pontos turísticos e econômicos, como por exemplo: o mercado do Ver-o-Peso, uma das maiores e mais antigas feiras livres do país; o Mangal das Garças; a Estação das Docas; a Casa das Onze Janelas, entre outros (Belemtur, [s.d.]). E ainda, por seu patrimônio imaterial inestimável, representado não só pela conhecida dança do carimbó, mas também por suas comidas típicas, expressões religiosas, artesanatos, cerâmicas, danças e a cultura Popular Folclórica Paraense.

Assim como Belém, a Ilha de Caratateua, além de ser uma região insular repleta de rios, igarapés<sup>10</sup> e lindas praias, é rica em seu patrimônio material e imaterial, tendo a cultura, culinária e o turismo como um grande marco (Belém, 2021).

A região metropolitana de Belém é composta por duas porções territoriais: uma que compõe a parte insular, ocupando 65,64% da área total, e a outra que consiste na área continental, contabilizando 34,36% do território municipal. Essa configuração marca a importância das 39 ilhas na composição do território (IBGE, 2010). A região insular de Belém tem como ilhas de maior extensão territorial e população Mosqueiro, Cotijuba, Combu e Caratateua. Esta última possui a particularidade do acesso facilitado por meio da ponte Enéas Pinheiro, construída em 1986. A Ilha é conhecida popularmente por “Ilha do Outeiro” e dista cerca de 18.80km<sup>2</sup> do centro da cidade (Ver-Belém, [s.d.]).

Caratateua é a segunda maior ilha da região insular de Belém, com 31,4491 km<sup>2</sup> de extensão, ficando atrás apenas da Ilha de Mosqueiro (BELÉM, 2012). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)<sup>11</sup>, a Ilha de Caratateua possui 38.731 mil habitantes residentes. No entanto, de acordo com dados obtidos em entrevistas com moradores,

<sup>10</sup> Segundo IPAM [s.d.], “igarapé é um curso d’água amazônico de primeira ou em terceira ordem, constituído por um braço longo de rio ou canal. Existe em pequeno número na bacia amazônica, caracterizados por pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata”, geralmente de coloração escura e entre ilhas ou ilhas e continentes. Disponível em: <https://ipam.org.br/glossario/igarape/>.

<sup>11</sup> É válido ressaltar que devido ao período pandêmico (Covid-19) e à conjuntura política do país, o censo do IBGE, que ocorre de 10 em 10 anos, não ocorreu em 2020/21. Os dados do novo Censo estão previstos para serem divulgados em 2023, o que nos levou a utilizar os dados relativos ao ano de 2010.

atualmente, estima-se que haja mais de 80.000 mil residentes (dado este não confirmado ainda pelos órgãos competentes). Esse número sofre ainda um acréscimo significativo aos finais de semana, feriados e nos períodos de férias escolares, devido à chegada de visitantes.

A Ilha tem 129 anos de fundação oficial e, atualmente, apresenta uma economia dinâmica (Bitencourt, 2017). Prevalece nela a atividade comercial em pequenos e médios comércios, alguns com característica de informalidade como é o caso de lojas de vestuários, padarias, mercados e mercearias, além de barracas de hortifrutigranjeiros, tanto de produção local quanto externa ao lugar.

O bairro São João do Outeiro constitui mais elementos da urbanização tais como vias asfaltadas, unidade de saúde, delegacia, agência dos correios etc. Destaca-se ainda a presença de escolas, tais como a Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (FUNBOSQUE)<sup>12</sup> e atividades religiosas, como as encontradas na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, de forte representação na Ilha, sobretudo, no Círio de N<sup>a</sup> Sra. da Conceição, uma das principais manifestações de fé local.

Nas zonas limítrofes a esse bairro, encontram-se as localidades do Itaiteua, Fidelis, Tucumãeira, Fama e Água Cristalina, que, apesar de haver acesso à energia elétrica e ter as principais vias asfaltadas, ainda há uma infraestrutura precária, que não atende às necessidades básicas da população, como a ausência do serviço público de transporte coletivo, o que gera dificuldades de mobilidade na Ilha. Na economia dessas áreas próximas aos rios e pouco mais distantes do principal bairro da Ilha, ganham relevância a pesca, coleta do açaí, pequenos roçados e quintais agroflorestais. Parte da economia também se sustenta pela circulação financeira proveniente de aposentados, servidores públicos e, de forma cada vez mais expressiva, pela atividade de lazer.

Em Caratateua, as praias, balneários e igarapés são os pontos mais conhecidos e visitados; dentre esses pontos, destacam-se os balneários do Tabaco, Paraíso dos Reis e Curuperé, além das praias Grande, do Amor, dos Artistas, da Brasília, de Itaiteua, do Barro Branco, entre outras.

## **O ECOMUSEU DA AMAZÔNIA E OS PRIMEIROS PASSOS PARA O TBC NA ILHA DE CARATATEUA**

O Ecomuseu da Amazônia Pará surgiu em 2007, sob a gestão da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), da Prefeitura Municipal de Belém (PMB), como um projeto do Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, em Icoaraci (Distrito de Belém). Em 2008, passa a ser vinculado à Coordenadoria de Desenvolvimento Comunitário (CDC), através de um programa da Funbosque (Almeida; Martins, 2021).

Para Martins (2014, p. 316), a “origem do Ecomuseu da Amazônia foi inspirada no subsistema de Educação para o Desenvolvimento Sustentável”, que tem o modo de vida local como sua principal referência. Sua linha de ação baseia-se na ecologia humana, na relação do homem e do coletivo com o ambiente e da ecologia ambiental. Segundo a autora, o Ecomuseu da

---

<sup>12</sup> É uma escola municipal pensada e construída para acolher os moradores locais, dando-lhes uma formação básica-técnica. A escola é um canal de absorção da mão de obra formal da população local, tendo em vista que muitos moradores desenvolvem atividades dentro da escola, sejam elas de caráter operacional, cargos temporários através de processos seletivos de duração de dois anos, sejam com atividades de caráter cultural e práticas artesanais. Muitos moradores fazem apresentações artísticas, ministram oficinas ou apoiam atividades educacionais dentro da escola (Campo).

Amazônia é “um museu que assume o compromisso de cuidar e preservar as expressões culturais e ambientais de um território”, diferente dos museus tradicionais, onde os bens ficam num espaço físico em exposição.

O Ecomuseu trabalha pautado em quatro vertentes, denominadas eixos, determinados a partir das demandas comunitárias, que são: cultura, meio ambiente, cidadania e turismo de base comunitária. Esses eixos surgiram a partir de um inventário patrimonial no território, que os tornaram estruturantes para o programa “Patrimônio e capacitação dos atores do desenvolvimento local”, no qual foram nomeados atores da comunidade local que seriam designados para atuar nas quatro vertentes. No eixo cultural, entraram os mestres de cultura e demais comunitários da Ilha que desenvolvem atividades culturais, como Boi Bumbá<sup>13</sup>, Cordão de Pássaros<sup>14</sup>, Grupos Parafolclórico<sup>15</sup> e Carimbó<sup>16</sup>. No eixo meio ambiente, foram escolhidos comunitários que possuem atividades produtivas, vinculadas aos balneários e as áreas onde se desenvolve agricultura através de Sistemas Agroflorestais - SAF e de quintais socioprodutivos. Já o eixo cidadania trabalha as formações e capacitações comunitárias, como oficinas, palestras e minicursos. Por fim, o eixo turismo de base comunitária, que engloba os demais eixos, é destinado para o desenvolvimento e realização de formações, planejamento e demandas focadas nos roteiros turísticos.

Em um diagnóstico realizado pelo Ecomuseu da Amazônia sobre o território das ilhas de Cotijuba, Mosqueiro e Caratateua, foram identificadas inquietações a respeito do repasse das práticas e conhecimentos entre as gerações, diante dos avanços da urbanização (Almeida; Martins, 2021). Buscando superar as lacunas encontradas nesse diagnóstico foram implementados a partir de 2009, nas comunidades de Mari-Mari e Caruaru, em Mosqueiro, os chamados roteiros turísticos patrimoniais<sup>17</sup>, que buscavam a reativação desses repasses culturais, resgate de memórias e dos saberes e fazeres do território. Em 2013, foram desenvolvidos nas comunidades da Fazendinha e Porção, em Cotijuba, e somente a partir de 2015 foram iniciadas as primeiras experiências do projeto “Roteiro de memória da Ilha de Caratateua”.

Em um primeiro momento, o referido Roteiro contou com nove pontos de visitação e teve como objetivo integrar os estudantes da Funbosque, a fim de mostrar o acervo cultural e de memórias que a Ilha tem, além de fortalecer junto a esses estudantes o sentimento de pertencimento local.

No segundo momento, houve a ampliação e o roteiro passou a ser chamado de “Roteiro de Memória do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Caratateua”. A partir de então, no âmbito do projeto, foram denominados como ‘pontos de memória’ os locais de preservação e conservação patrimonial da Ilha de Caratateua. Em 2017, dentro da programação da Primavera

---

13 É uma das manifestações populares mais antigas encontradas na cidade de Belém. Tal manifestação é mantida a partir das práticas de vários grupos na cidade, hoje em dia o “boi de rua”, como era conhecido, abriu espaço para o “boi de teatro” (Jesd Junior, 2009).

14 “Os pássaros são uma tradição popular que existe há mais de cem anos. Seus brincantes cantam, dançam e interpretam. É um teatro completo. Um teatro feito pelo povo” (Maués, 2010, p. 37).

15 São assim chamados os grupos que apresentam folguedos e danças folclóricas. Grupo formado por pessoas que retrabalham, interpretam e apresentam as vivências dos grupos folclóricos em forma de espetáculo.

16 Dança cultural da região Norte, que teve origem no estado do Pará durante o século XVII, a partir das danças e costumes indígenas.

17 Roteiros Patrimoniais.

de Museus<sup>18</sup>, o Ecomuseu da Amazônia nomeou seis dos nove pontos mapeados como Pontos de Memória: a casa do Fábio Cardoso, da mestra Zula, da mestra Laurene Ataíde, do mestre Apolo Da Caratateua, do mestre Tabaco, e do Raimundo Ferreira (Almeida; Martins, 2021). Em 2019, foram nomeados mais três pontos: Lara Coutinho, Mãe Sandra e Professora Mary.

O Roteiro de Memória tem como princípio o TBC, visando garantir o protagonismo na oferta turística, a organização social e a geração de renda aos atores locais. A renda gerada pela atividade turística e pela educação museal “é uma forma de recompensa pela conservação e preservação do seu patrimônio material e imaterial da Ilha de Caratateua” (Almeida; Martins, 2021, p. 23).

## PERCURSO METODOLÓGICO

Com o intuito de estabelecer bases para as análises dos dados dessa investigação, foi realizada a pesquisa bibliográfica, tendo o Google Acadêmico, a biblioteca do Ecomuseu da Amazônia, o SciELO – Brasil e a biblioteca da Faculdade de Desenvolvimento Rural - FACDES como as principais fontes de referências.

A pesquisa que embasou esse artigo é de caráter qualitativo e foi realizada em dois períodos: o primeiro, entre os meses de outubro e dezembro de 2021; e, na sequência, entre os meses de abril a junho e outubro a dezembro de 2022. No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa documental no Ecomuseu da Amazônia, além de conversas informais com quem fez parte do desenvolvimento e execução do roteiro.

Mesmo havendo dificuldade de contato com a comunidade, devido à pandemia de Covid-19, foi realizada atividade de campo nos meses de abril a junho de 2022. Considerou-se a necessidade de se iniciar um mapeamento dos comunitários que fizeram parte do projeto “Roteiro de memória” e a identificação dos nove moradores que estiveram envolvidos no roteiro, sendo possível estabelecer contato com sete deles. Nessa oportunidade, traçou-se o perfil dos atores locais e as atividades desenvolvidas por estes com o intuito de entender mais sobre como ocorreu a participação no roteiro turístico.

Foram utilizadas as ferramentas de diário de campo (Da Silveira Kroef; Gavillon; Ramm, 2020) e caminhadas transversais (Alencar; Gomes, 2001) pelos espaços socioprodutivos, além da observação participante (Minayo, 2011). As entrevistas semiestruturadas (Minayo, 2011) possibilitaram o aprofundamento de construção de dados junto aos sete comunitários que se envolveram na pesquisa; foram eles: Apolo Monteiro Barros (Biblioteca Comunitária Tralhoto Lector); Inaiá Siqueira Paes (Casa da Mestre Zula); Lara Monica Coutinho de Oliveira (Cordão de Pássaro Pipira da Água Boa); Laurene da Costa Ataíde (Cordão de Pássaro Colibri do Outeiro); Mary Fernandes da Silva (Sítio da Natureza); Oriovaldo Soares Meireles (Balneário do Tabaco); e Raimunda Sandra C. Oliveira (Casa da Mariana). Esses entrevistados têm entre 51 e 80 anos.

## RESULTADOS: OS PONTOS DE MEMÓRIA IDENTIFICADOS PELO ECOMUSEU EM CARATATEUA

---

<sup>18</sup>“É uma ação anual, com duração de uma semana, que visa mobilizar os museus brasileiros a elaborarem programações especiais voltadas para um mesmo tema, o qual é escolhido pelo próprio Ibram” (Ibram, 2022).

Entre os anos de 2016 e 2018, os Roteiros de Memória, de cunho turístico e patrimonial, tiveram a sede do Ecomuseu da Amazônia como local de apoio para seu planejamento e execução, configurando-se como importantes elos de articulação entre residentes, instituição e visitantes, despertando, em especial, na comunidade local o cuidado quanto à recepção, acolhimento e troca de aprendizado nos espaços socioprodutivos. O trabalho inicial motivou os atores locais envolvidos a otimizarem seus espaços e agregarem a visitação às suas atividades cotidianas.

O quadro 1 sintetiza as informações referentes aos pontos de memória estudados e possibilita perceber congruências e especificidades entre eles. Vale destacar que os atrativos listados são aqueles que tiveram início a partir da inserção dos atores comunitários no projeto “Roteiros de Memória”.

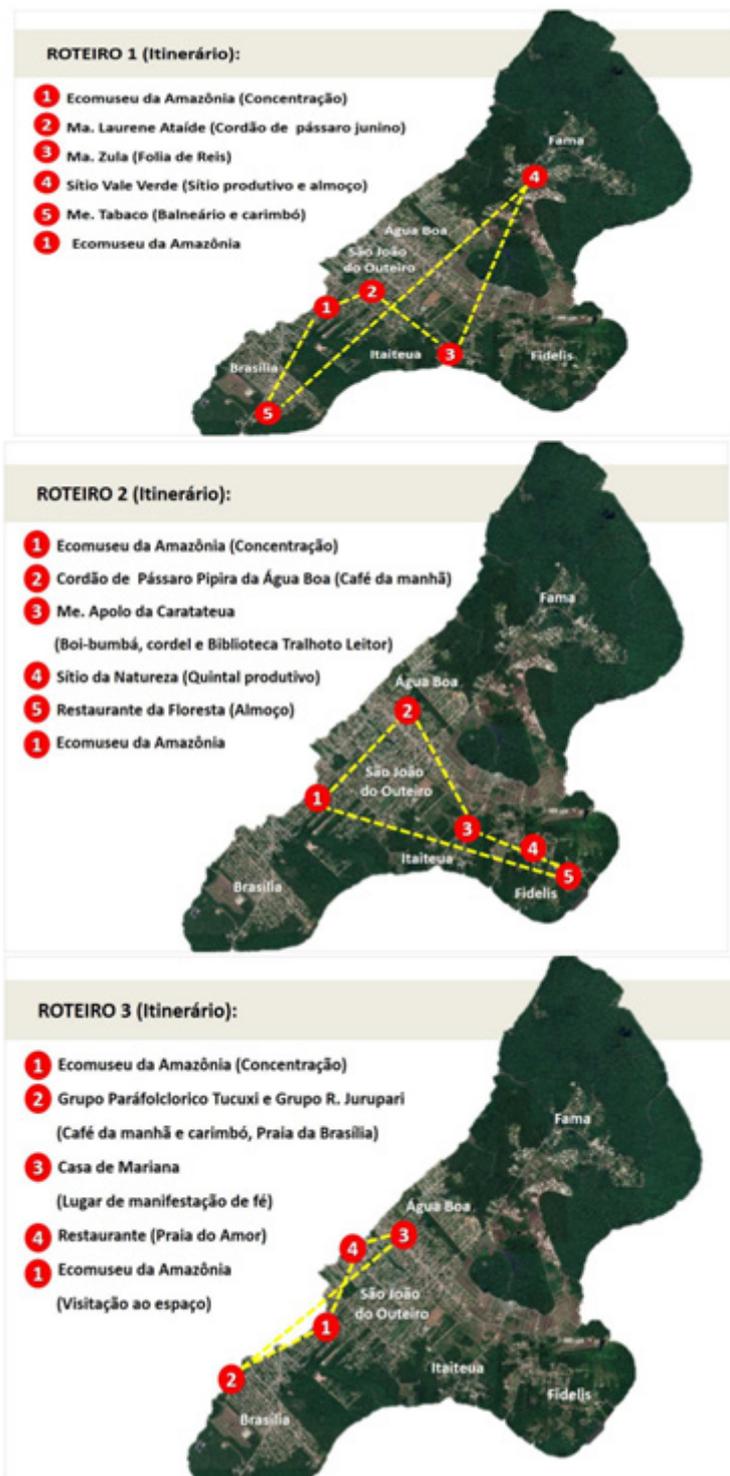
**Quadro 1** – Caracterização dos pontos de memória e atrativos ofertados

RESPONSÁVEL	PONTO DE MEMÓRIA	PRINCIPAIS ATIVIDADES	ATRATIVOS
Apolo Monteiro Barros	Biblioteca Tralhoto Leitor	Boi misterioso; Biblioteca e horta comunitária, Reforço escolar e mediação de leitura.	Apresentação cultural: Boi Bumbá, Biblioteca Tralhoto Leitor - Cordel e Poesia e venda de lanche/café da manhã.
Jorsonleide de Paula Paes (Mestre Zula)	Casa da Mestra Zula	Cordão de Pássaro Tem-Tem; Biblioteca Sumaúma; Reforço escolar e mediação de leitura.	Apresentação cultural: Cordão de Pássaro Tem-Tem, exposição das vestimentas e venda de lanche.
Laurene da Costa Ataíde	Cordão de Pássaro Colibri de Outeiro	Associação Folclórica e Cultural Colibri de Outeiro; Criação e reativação de Pássaros e outros bichos no Pará; Biblioteca comunitária; Ateliê dos pássaros.	Apresentação cultural: Cordão de Pássaro Colibri do Outeiro, artesanato, exposição das vestimentas, venda de lanche/café da manhã.
Mary Fernandes da Silva	Sítio da Natureza	Quintal produtivo (cultivo, criação e beneficiamento), Visitações e Educação ambiental.	Apresentação das atividades, ofertas de produtos advindos do espaço socioprodutivo, como: mel, composto orgânico, adubo, mudas de plantas diversas e venda de almoço.
Oriovaldo Soares Meireles	Balneário do Tabaco	Lazer, música e recreação.	Apresentação das atividades, banho, Carimbó com músicas autorais, danças e venda de almoço.
Raimunda Sandra C. Oliveira	Casa de Mariana	Manifestação religiosa, produção de simpatias e saberes com ervas medicinais.	Venda de atrativos/casadinhos, banhos e essências, venda de lanche/café da manhã.
Iara Monica Coutinho de Oliveira	Cordão de Pássaro Pipira da Água Boa	Ponto de cultura Pipira da água Boa e Ponto de Memória, Cordão de pássaros Pipira da Água Boa.	Apresentação cultural: Cordão de Pássaro, artesanato, saboaria artesanal, saboaria c/ ervas medicinais e exposição das vestimentas do Pássaro, venda de lanche/café da manhã.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Com intuito de formar os comunitários e prepará-los para o desenvolvimento das práticas de visitação e a experiência turística, entre os anos de 2019 e 2020, foram realizadas reuniões, oficinas e cursos que resultaram na execução de três roteiros (Figura 1).

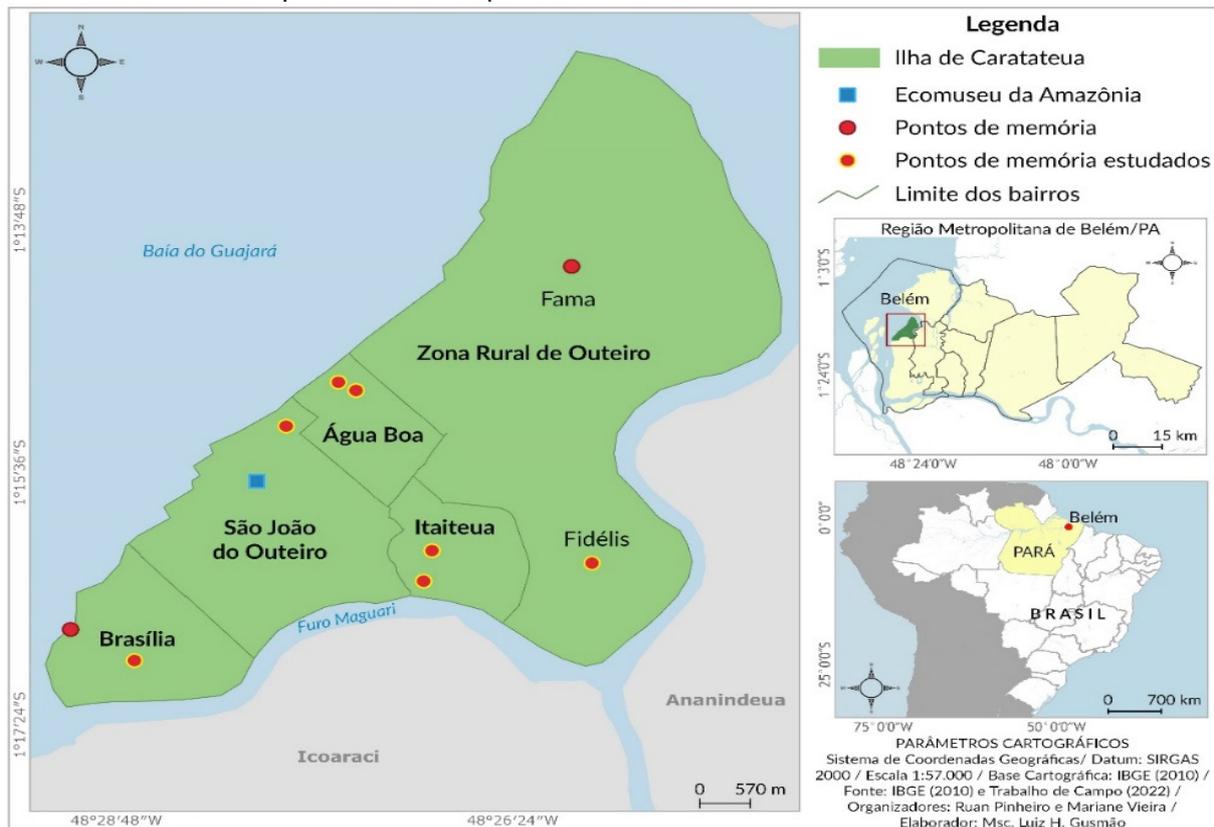
Figura 1 – Roteiros de memória da Ilha de Caratateua entre os anos de 2019 e 2020



Fonte: Adaptado de Almeida e Martins (2021).

O mapa 01 mostra a localização dos pontos de memória estudados na pesquisa, dentre eles, a Biblioteca Comunitária Tralhoto Leitor (Itaiteua), a Casa da Mestre Zula (Itaiteua), o Cordão de Pássaro Pipira da Água Boa (Água Boa), o Cordão de Pássaro Colibri do Outeiro (São João do Outeiro), o Sítio da Natureza (Fidélis), o Balneário do Tabaco (Brasília) e a Casa da Mariana (Água Boa).

Mapa 01. Distribuição dos Pontos de Memórias em Caratateua



Fonte: Elaborado a partir dos dados de campo (2022).

O Ponto de memória Biblioteca Comunitária Tralhoto Leitor tem como principal responsável Apolo Monteiro Barros, conhecido também como “Apolo da Caratateua” ou “Mestre Apolo”, um “Parabucano”<sup>19</sup> de 77 anos, residente na Ilha desde 1990. Há mais de 30 anos, vem fomentando a cultura popular, desde esse período tem desenvolvido trabalhos comunitários na Ilha, estando sua trajetória na Ilha intrinsecamente conectada a expressões culturais populares paraenses:

Primeiro foi um carnaval que é a “parafuseta da Caratateua”, era um bloco de carnaval que se tornou escola de samba. E logo depois a ideia era um boi, boi Bumbá, criamos um Boi Bumbá que se chama Misterioso e esse boi Bumbá vem participando dos folguedos juninos. E daí veio a ideia da biblioteca, que hoje em dia ela é intitulada de Biblioteca Tralhoto Leitor, a biblioteca desenvolve um trabalho, né?, como estímulo à leitura, né?, ao livro, é, estimular o amor ao livro [...] (Informação verbal)<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Essa denominação remete ao sentimento de pertencimento e afetividade que o entrevistado diz ter pelo Pará e por sua terra natal, o estado de Pernambuco.

<sup>20</sup> Apolo Monteiro Barros, mestre de cultura, Belém/Pa, nov/2022

Mestre Apolo é poeta, cordelista, escritor de literatura de cordel, marchas carnavalescas, toadas de boi bumbá, entre outros. Também realiza mediação de leitura e é especialista em serigrafia. Esse acervo de saberes lhe permite trabalhar com as crianças e incentivá-las ao exercício constante da leitura, escrita, cultura popular e defesa ao meio ambiente.

Segundo ele, o roteiro de memória e o reconhecimento de seu espaço como ponto de memória é uma forma de estímulo e incentivo à melhoria do espaço. As atividades desenvolvidas, além de possibilitar, por meio das visitas, o fortalecimento das relações comunitárias, permite maior visibilidade para os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos dentro da Ilha:

[...] Recebemos aqui o título de ponto de memória e isso foi um estímulo muito grande até pra que a gente se empenhasse até mais. Porque nos deixa um orgulho, né?! E daí a gente vem tentando que aqui seja cada vez mais merecedor desse ponto de memória e que a gente faça um trabalho que venha ter um resultado futuro com essa juventude, né?! Com essas crianças aqui [...] (Informação verbal)<sup>21</sup>.

É relevante ressaltar a irradiação que tal reconhecimento teve para além de mudanças físicas no espaço do Mestre Apolo. O protagonismo, o envolvimento comunitário nos processos de elaboração e efetivação dos roteiros fortaleceu o mesmo, em alguns casos, criou vínculos comunitários importantes. A expansão de uma biblioteca, com obras relacionadas ao local, a implantação de uma horta comunitária, trocas de saberes-fazer e ações culturais integradas a outros pontos de memória facilitam esses vínculos.

Coriolano e Leitão (2008) afirmam que a criação do roteiro é potencializadora da evidência de “territorialidades” até então “invisíveis”. O envolvimento comunitário, nesse caso, permitiu que as próprias pessoas da Ilha pudessem ver a importância de seus conhecimentos e práticas. Mestre Apolo diversas vezes ressaltou em suas falas que o roteiro de memória potencializa as trocas dos saberes e fazeres sobre os “conhecimentos de plantas, organização”, assim como “melhorou o relacionamento com outras atividades de outras iniciativas da ilha”.

O fortalecimento dessas iniciativas, como os cordões de pássaros, grupos de carimbó e quintais agroflorestais, segundo Mestre Apolo, colaboram para a diminuição da segregação social e da violência dentro da Ilha, visto que os jovens e crianças passam a ter espaços para frequentar e não ficam ociosos nas ruas.

O TBC na Ilha de Caratateua tem um papel importante para a manutenção da cultura popular, para as demais práticas sociais e para a preservação dos bens naturais. A geração de renda proveniente das atividades do TBC tende a ganhar expressividade e apoia a produção agrícola familiar, as melhorias e a otimização dos espaços, além da preservação dos bens naturais que a Ilha possui, como os igarapés e os balneários. No entanto, Mestre Apolo menciona que algumas limitações têm dificultado a consolidação do TBC na Ilha, apontando a questão da precariedade do transporte e a falta de incentivo pelo poder público.

Com uma trajetória semelhante à de Mestre Apolo, Jorsonleide de Paula Paes, popularmente reconhecida como Mestra Zula, também detém a representação sobre um Ponto de

---

21 Apolo Monteiro Barros, mestre de cultura, Belém/Pa, nov/2022.

Memória na Ilha. Ela está envolvida com cultura popular desde os 13 anos de idade, quando brincou no “Cordão do Pássaro Tem-Tem do Fama”<sup>22</sup>; hoje, ela 88 anos de idade.

Após dedicar-se por mais de 38 anos às atividades culturais, sendo 11 anos de atividades em Icoaraci e 27 anos em Caratateua, passou o título de guardiã do Cordão de pássaro Tem-tem para suas filhas, que optaram por rebatizar o espaço para Ponto de cultura “Casa da Mestra Zula”. Inaiá Paes Siqueira, filha de Mestra Zula, tem 51 anos de idade e é a atual guardiã do Cordão; está à frente do grupo desde 2012. Ela é professora, pedagoga, arte-educadora e licenciada para ensino fundamental, para educação infantil, séries iniciais, e para as disciplinas do magistério. Assim como a Mestra Zula, Inaiá tem como objetivo desenvolver atividades de cunho educacional, como reforço escolar e na biblioteca comunitária, e de cunho social e de assistência aos comunitários:

O Ponto de cultura e Ponto de memória Casa da Mestra Zula, a intenção é ser um espaço onde possa atender as necessidades da comunidade, dentro da área educacional, porque duas das filhas dela são pedagogas, eu e minha irmã Ivana; onde nós pudéssemos atender com algum tipo de assistência, nós temos uma sobrinha que é gestora de RH, então ela entende de documentação, de questões trabalhista, né, de orientação jurídica, ela consegue dar também os caminhos das pedras pra essas pessoas. A ideia nossa é sempre ter um espaço onde as pessoas quando tiverem alguma necessidade possam pelo menos buscar uma informação, porque às vezes a comunidade perde as coisas, perdem os seus direitos básicos sociais, por falta de informação (Informação verbal)<sup>23</sup>.

Inaiá reforça que deseja que o espaço socioproductivo seja um lugar que, além de produzir a cultura e “manter as tradições da nossa mãe, que é o Pássaro, Boi, Pastorinhas, Folia de Reis, mastro de São João, grupos de carimbó, danças comuns e tradicionais da região”, seja também um “espaço de leitura, de educação, conhecimento, instrução de assistência de fato para a comunidade” (Informação verbal). As irmãs e sobrinhas de Inaiá Paes auxiliam nas atividades desenvolvidas no espaço, entretanto, é ela quem desenha as indumentárias do Pássaro e faz os ensaios com as crianças. Suas irmãs ficam responsáveis pela confecção e organização do espaço para as apresentações, festas e atividades que o pássaro for desenvolver.

Para o roteiro de memória, os representantes do Museu realizaram um levantamento histórico das origens do trabalho que Mestra Zula realizava. Inaiá, em entrevista, mencionou o funcionamento e os objetivos do projeto, além de sua relevância social:

[...] você consegue que daqui do grupo saia uma pessoa para a universidade. Você acompanha a pessoa desde muito pequena, essa pessoa aprendeu a ler comigo, ou fulano se formou, conseguiu fazer uma prova de seleção e passou e veio aqui tirar dúvidas com a gente. Esses são dados não mensuráveis (Informação verbal).

---

22 A família guardiã do Pássaro Tem-Tem desenvolvia as atividades do pássaro inicialmente na localidade Fama, em Caratateua. A paixão pelo Pássaro teve início ainda nova, quando passou a acompanhar sua avó nos festejos.

23 Inaiá Paes, pedagoga e mestre de cultura, Belém/Pa, nov/2022.

Motivada por sua formação como pedagoga, a atual guardiã do Pássaro afirma que é importante que as pessoas vejam que existe “trabalho por trás do belo da cultura”. Deve-se mostrar que a cultura também é construída de forma dinâmica e respaldada nos resultados positivos de uma família que diminuiu a violência no bairro ou “de alguém que conseguiu um emprego, porque você conseguiu fazer o currículo dele” (Informação verbal).

Para Inaiá, o roteiro de memória garantiu um lugar de fala para ressaltar a realidade das práticas culturais, da relevância social que o trabalho detém e como a prática do TBC possibilita a preservação dos bens materiais e imateriais que Caratateua desfruta. Em um trecho da entrevista, ressalta o potencial que o TBC tem para os trabalhos que são desenvolvidos na Ilha:

Eu vejo o TBC como um grande potencial, principalmente de informação. Por que que nossa cultura morre? Por que é que os grupos não conseguem avançar? Por desconhecimento, desconhecimento de quem faz a produção cultural, desconhecimento de quem se alimenta da produção cultural, desconhecimento, principalmente, da população. Essa é uma forma de você trazer pra cá pessoas de diversas áreas do estado, do município [...] (Informação verbal)<sup>24</sup>.

Essa relevância social destacada ratifica que o TBC não se define apenas da compra e venda turística, mas da valorização das práticas e dos saberes locais, da mesma forma como salientam Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2009).

Ponto de memória com avanços relevantes como esses é o Cordão de Pássaro Pipira da Água Boa. Lara Monica Coutinho de Oliveira, tem 52 anos de idade e reside na Ilha há 37 anos, sendo responsável pelo Ponto de memória, que também é um Ponto de Cultura<sup>25</sup>, atuando ainda como produtora cultural, artesã de bijuterias, de saboaria com essências e ervas medicinais, além de diversos artesanatos com cartonagem, EVA, entre outros. No local, encontra-se uma biblioteca comunitária e um espaço de aprendizagem que carrega o nome da guardiã.

Assim como Mestre Apolo e Inaiá Paes, Lara desenvolve trabalho social com os jovens e crianças, cuja diferenciação está na oferta de oficinas e cursos de formação profissional. Lara Coutinho afirma que “depois do Pássaro, o carro chefe são os cursos de capacitação profissional: os cursos vieram basicamente atrelados ao Pássaro” (Informação verbal)<sup>26</sup>.

Muitos desses saberes são repassados gratuitamente aos comunitários por meio de cursos profissionalizantes, como forma de incentivo para que possam diversificar a renda a partir dessas atividades. Lara conta com uma rede de parceiros que a auxilia nas ofertas dos cursos e ações sociais na comunidade. Assim como os Pontos de memórias anteriores, os trabalhos desenvolvidos no espaço socioproductivo Lara Coutinho estão ativos durante o ano inteiro:

[...] Quem conhece o espaço, o Pássaro, sabe que a gente não trabalha o Pássaro só durante a quadra junina. Pelo contrário. Ele é trabalhado durante o ano inteiro, porque as crianças (...) se não tem Pássaro elas

24 Inaiá Paes, pedagoga e mestre de cultura, Belém/Pa, nov/2022.

25 É uma certificação concedida pelo Instituto Brasileiro de Museus “nos termos da Portaria Ibram nº 579, de 29 de julho de 2021, a entidades culturais e coletivos culturais, como objetivo de reconhecê-las como Pontos de Memória.

26 Yara Coutinho, produtora cultural e mestre de cultura, Belém/Pa, nov/2022.

ficam na rua, então para elas não ficarem na rua, melhor elas estarem aqui no Pássaro (Informação verbal)<sup>27</sup>.

Sendo assim, manter o espaço socioprodutivo ativo e com o desenvolvimento de atividades culturais, educacionais e de lazer passa a ser fundamental para a comunidade, principalmente, em se tratando das crianças e dos jovens. Para ela, é essencial garantir atividades contínuas no Ponto de memória:

Na Páscoa, tivemos a oficina de ovo de Páscoa. Cada criança fez seu ovo. Fez isso dentro de uma oficina. Para que eles estejam sempre aqui, tendo uma ocupação e não estando na rua, isso é primordial. Na pandemia, eu já perdi brincante porque o Pássaro fechou durante a pandemia. Perdi dois brincantes meu, pro crime. Porque quando a criança não tem o que fazer, ela vai pra rua, e na rua não se aprende nada” (Informação verbal)<sup>28</sup>.

O roteiro agregou valor social aos trabalhos que são desenvolvidos e apoiou na dinâmica socioeconômica de Iara Coutinho. Porém, o espaço socioprodutivo não conta com a entrada de recursos de forma fixa, pois acaba dependendo de aprovação de editais voltados para o fortalecimento da cultura e da venda esporádica dos produtos advindos do artesanato. De acordo com ela, o TBC aportou para a geração de renda, sobretudo, pela venda dos artesanatos e oferta de alimentação aos visitantes que vieram atraídos pelo Roteiro de memória.

Em se tratando de dificuldades, tanto para Iara Coutinho quanto para Inaiá Paes, o principal gargalo para a consolidação do TBC na Ilha está na falta de incentivo e políticas públicas de apoio para os trabalhos que são ali desenvolvidos. Na opinião de Iara, foi por meio do roteiro que as pessoas passaram a conhecer um pouco sobre o que é o Pássaro e as atividades que são desenvolvidas:

O roteiro veio para agregar. Agregar a própria geração de renda, porque vai ser vendido coisas. Em todo roteiro que acontecia, nós ganhávamos também com o café da manhã e as vendas dos produtos e a divulgação que isso (a visita) gera. Estar na mídia é sempre bom. (Informação verbal)<sup>29</sup>.

Situação semelhante quanto ao incremento de renda aconteceu envolvendo o Ponto de memória Colibri de Outeiro, que conta com o apoio de trabalhos voluntários, visto que, na maioria das vezes, o aporte de recursos para o desenvolvimento de suas atividades depende do acesso a editais.

Laurene da Costa Ataíde, ou Mestre Laurene, como é conhecida localmente, é a responsável por este espaço. Tem 65 anos de idade, nasceu em Santo Antônio do Tauá, no Pará, mas reside em Caratateua há mais de 30 anos. Herdou seu trabalho de guardiã de Pássaros da mãe e, hoje, é responsável pela Associação Folclórica e Cultural Colibri de Outeiro, pelo Ponto de memória e Ponto de cultura Ninho do Colibri.

27 Yara Coutinho, produtora cultural e mestre de cultura, Belém/Pa, nov/2022.

28 Yara Coutinho, produtora cultural e mestre de cultura, Belém/Pa, nov/2022.

29 Yara Coutinho, produtora cultural e mestre de cultura, Belém/Pa, nov/2022.

Mestra Laurene, além de guardiã do Cordão de Pássaro Colibri de Outeiro, é socióloga, especialista em Acessibilidade Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), produtora cultural, escritora, e militante da causa cultural regional. Trabalha com resgate, criação e manutenção da manifestação do Cordão de Pássaros e outros bichos pelo estado do Pará. Ministra cursos referentes ao Pássaro e a cada curso ministrado, doa material suficiente para a confecção de vinte indumentárias. Muitos de seus trabalhos são desenvolvidos por meio de recursos obtidos em premiações e aprovação de projetos submetidos a editais direcionados para a cultura, a exemplo os editais de incentivo da Fundação Cultural do Pará (FCP), a nível de estado e a Lei Rouanet a nível federal.

O espaço socioprodutivo é um local no qual as crianças e jovens têm aulas de dança, teatro, entre outros. Ali, funciona um ateliê, onde há tanto a confecção das indumentárias, quanto cursos de corte e costura para as mães dos brincantes e comunitários em geral. Há também uma biblioteca comunitária que conta com um acervo especial a respeito dos Pássaros, inclusive exemplares de autoria própria.

Para Mestra Laurene, o Roteiro de memória trouxe mais visibilidade para os trabalhos, além de ser uma possibilidade de geração de renda local:

Gerou renda com o roteiro, não muito, porque foi um começo de trabalho. Foi pouquinho, mas quando começa um trabalho desses, é assim... a tendência é crescer, se a gente continuar fazendo. Infelizmente parou tudo, por conta da pandemia, e agora está retornando (Informação verbal)<sup>30</sup>.

Apesar de ressaltar o potencial do TBC, Mestra Laurene destaca um ponto negativo, recorrente nos demais pontos, que é a descontinuidade dos projetos de incentivos na Ilha por parte do setor público. Inclusive, segundo Coriolano e Leitão (2008) e Sampaio (2007), este é um grande obstáculo para a consolidação do TBC no país, pois muitos dos programas, metas, ações, projetos de incentivo e fortalecimento para o turismo dependem dos PNTs ou do apoio dos governos estaduais e municipais, os quais trabalham os projetos baseados no plano de governo para quatro anos, e isso enfraquece ou acaba com iniciativas promissoras.

Para a entrevistada “a descontinuidade, troca de pessoas por conta de política é negativo, troca de coordenadores, aí acaba descontinuando o trabalho e quem sofre com isso é a comunidade, porque volta a ficar no esquecimento” (Informação verbal)<sup>31</sup>.

Os Pontos de memória mencionados, ainda que guardem especificidades importantes, têm como objetivo comum a preservação dos bens culturais da Ilha, bem como fomentar a conservação dos bens naturais que Caratateua possui. As iniciativas desenvolvidas no âmbito do Sítio da Natureza também encontram congruência neste objetivo. Este espaço trata-se de um quintal socioprodutivo que, através do TBC, foi fortalecido com base na otimização do espaço, consolidação de redes sociais e a geração de renda através da venda dos produtos aligerados.

Mary Fernandes da Silva, ou Professora Mary, como é conhecida, é a principal envolvida no cuidado desse espaço. Tem 62 anos de idade, é natural de Belém/PA, filha de agricultores familiares e formada em Agronomia. Trabalha com um quintal socioprodutivo na Ilha de

30 Laurene da Costa Ataíde, socióloga, produtora cultural e mestre de cultura, Belém/PA, nov/2022.

31 Laurene da Costa Ataíde, socióloga, produtora cultural e mestre de cultura, Belém/PA, nov/2022.

Caratateua há 17 anos, denominado por ela de “Sítio da Natureza”, onde vem desenvolvendo atividades de educação ambiental, especialmente com crianças.

A Professora Mary não pensava em abrir seu espaço para visitas, tampouco imaginava que este tinha potencial para isso. O roteiro de memórias foi o primeiro passo para que o espaço se tornasse o que é hoje: uma referência para visitantes, majoritariamente estudantes de escolas locais e simpatizantes em geral.

O Sítio da Natureza engloba uma diversidade de plantas, criação de aves e de abelhas nativas, isso sem contar com o cultivo de hortaliças, de frutíferas, de plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e de ornamentais. A partir da abertura do espaço para as visitas, Professora Mary passou a utilizá-lo de forma mais otimizada e acolhedora, como ela mesma destaca:

[...] A gente vai se adequando para que esse visitante se encante mais, visualize mais. [...] Nem percebia que precisava desse cuidado, essa organização, a visita trouxesse essa sensibilidade. [...] A organização de toda área, que até então era um pasto para as aves, transformou-se em canteiro sensorial, canteiro das pancs (maxixe, quiabo, cariru, cará e batata doce, melão de São Caetano), compostagem de folhas; espaço para as visitas (Informação verbal)<sup>32</sup>.

Para ela, igualmente aos demais, um dos obstáculos para a consolidação do TBC na Ilha está na falta de incentivo,

Incentivo para as pessoas se sentirem capazes, tenham autonomia, valorizem seu saber-fazer. Muitas pessoas fazem, mas não têm consciência do valor, então seria essa falta de autonomia, é falta também de políticas públicas, o turismo de praia não mostra o que tem de produção mesmo na ilha. É só oferecer as praias, só o que está lá mesmo (Informação verbal)<sup>33</sup>.

Outro espaço socioproductivo importante na Ilha é o balneário do Tabaco, cujo responsável se chama Oriovaldo Soares Meireles (Mestre Tabaco), 80 anos, que nasceu em Ariri, município de Colares/PA, e é compositor, cantor e carpinteiro naval. Veio para Belém em 1977, morou 12 anos em Icoaraci, onde cantou em grupos como o “Grupo de Carimbó Uirapuru”, do mestre Verequete, e o grupo parafolclórico “Vaiangá de Icoaraci” (Almeida; Martins, 2021). Posteriormente, em 1989, mudou-se para o bairro da Brasília, em Caratateua; participou do grupo de carimbó da Ilha, chamado “Tucuxi”, e construiu um espaço de lazer conhecido como Balneário do Tabaco.

Hoje, Mestre Tabaco é aposentado e o balneário é sua principal atividade econômica. Nesse espaço, eventualmente, há música ao vivo, incluindo apresentação de músicas de sua autoria. O público que frequenta o local é constituído por visitantes de dentro da própria Ilha e da região metropolitana de Belém.

Quando questionado sobre seu entendimento acerca do TBC e como o roteiro agregou positivamente ao seu espaço, Mestre Tabaco destaca que:

32 Mary Fernandes da Silva, agrônoma, professora e ponto de memória, Belém/PA, nov/2022.

33 Mary Fernandes da Silva, agrônoma, professora e ponto de memória, Belém/PA, nov/2022.

O balneário é um turismo de base comunitária, porque existe um lazer aqui. O roteiro, ele foi e é bom, trouxe apoio e incentivo, que o pessoal me deu. Como eu podia agir e receber. Visibilidade para o balneário e ainda está dando. Melhorou o espaço, a lateral do balneário de alvenaria, mais barracas na lateral, a divulgação, essas coisas (Informação verbal)<sup>34</sup>.

O roteiro trouxe para o espaço socioprodutivo de Mestre Tabaco visibilidade e valorização social e econômica, assim como ocorreu de forma semelhante com outro Ponto de Memória da Ilha, Casa de Mariana, um Terreiro de Umbanda que fica aos cuidados de Raimunda Sandra C. Oliveira, mais conhecida como “Mãe Sandra”, tendo 69 anos de idade e desenvolvendo atividades na Ilha há mais de 33 anos. Devota da prática religiosa umbandista, joga cartas, vende essências e simpatias que servem para auxiliar aqueles que enfrentam problemas e buscam na espiritualidade uma maneira de vencê-los, além de essências. A maioria de seus adeptos é de fora da Ilha, porém, ela realiza algumas atividades junto à comunidade, de quem geralmente não cobra pelos trabalhos.

O roteiro para Mãe Sandra agregou valor a seu trabalho e permitiu que ela pudesse conhecer os demais atores sociais da ilha. Para ela,

[...] o Turismo de Base Comunitária serve para acrescentar e para tirar a Ilha do anonimato em que vive. O turismo de base aumenta as redes, a valorização e possibilidades de acrescentar renda aos moradores, dá visibilidade a todos os trabalhos que são desenvolvidos na ilha. Geração de renda, valorização e as trocas comunitárias (Informação verbal)<sup>35</sup>.

Mãe Sandra possui um vasto conhecimento sobre o uso das plantas e ervas medicinais, conhecimento este repassado por seus pais e reforçado devido à sua religião. O roteiro de memória possibilitou a comercialização de seus serviços e produtos (Figuras 2 e 3).

FIGURA 2: Casadinhos para atrair riqueza e amor



Fonte: Dados de campo, 2022.

FIGURA 3: Essências e simpatias produzidas por Mãe Sandra



34 Oriovaldo Soares Meireles, mestre de cultura e ponto de memória, Belém/Pa, nov/2022.

35 Raimunda Sandra C. Oliveira, umbandista e ponto de memória, Belém/Pa, nov/2022.

Os atrativos denominados “casadinhos”, arranjos de plantas que mesclam distintas espécies, são produtos que passaram a ser comercializados a partir do roteiro de memórias. Já as essências e simpatias são materializações de saberes e práticas que vêm de seus conhecimentos religiosos como umbandista. Além disso, Mãe Sandra também produz xaropes, chás e banhos terapêuticos, que, segundo ela, retiram energias negativas e atraem amor e dinheiro.

Nota-se que o TBC, nesse caso, tem um papel de relevância na desconstrução de preconceitos que surgem a partir do desconhecimento das religiões e de seus rituais, o que em Caratateua é algo significativo uma vez que na Ilha são encontradas diversas expressões religiosas, tais como a católica, a umbandista, a do candomblé, entre outras. A abertura para a visitação desse espaço possibilita também a reflexão sobre a necessidade de haver respeito quanto à cultura e religiosidades diversas, bem como aos saberes e fazeres locais, o que ratifica que o “turismo abre vastas perspectivas para a valorização do acervo do patrimônio comunitário” (Maldonado, 2009, p. 29).

A partir dessa caracterização, é possível observar que existe uma similaridade importante entre os sete pontos de memória, principalmente no que concerne à relevância social desses espaços, aspecto este que passou a ser mais visível após o desenvolvimento do projeto Roteiro de Memória pelo Ecomuseu da Amazônia e do reconhecimento dos espaços como pontos de memória.

Ademais, foi possível verificar a inovação na oferta de produtos e serviços vinculados aos espaços, aportando rendas adicionais aos seus responsáveis. Essas irradiações do projeto corroboram com as reflexões de Almeida e Martins (2021) acerca da importância dos pontos de memória, do seu caráter social e inclusivo e de como o TBC pode agregar valor às atividades que são desenvolvidas nos espaços socioprodutivos da Ilha.

## **AVANÇOS E DESAFIOS NA CONSOLIDAÇÃO DO TBC NA ILHA DE CARATATEUA**

Um ponto em comum entre os entrevistados que vale a pena destacar é sua chegada em Caratateua após a construção da Ponte Enéas Pinheiro. Ainda que esses atores sociais não tenham nascido na localidade. Guarnecidos de um saber-fazer repassados intergeracionalmente e que se mescla com os atributos naturais locais, esses atores constroem a territorialidade de Caratateua, juntamente aos pioneiros que ali já estavam.

As preocupações desses atores também se referem a repassar às crianças e jovens o afeto e conhecimento da cultura e o saber-fazer que movimenta o território. Os responsáveis pelos pontos de memória, em geral, mencionam seu interesse em deixar aos mais jovens os conhecimentos sobre o Boi Bumbá, os Cordões de Pássaros, as práticas e o manejo das ervas, plantas medicinais e PANCs; além da importância da relação com o meio natural em que se vive. Da mesma forma, as músicas também são evidenciadas como patrimônio que deve ser transmitido para as gerações seguintes, tendo em vista que remetem a momentos vividos ou às místicas locais: à relação com as águas, rios, igarapés; ao folclore paraense e às suas manifestações de fé.

Quando questionados acerca das potencialidades do TBC existentes na Ilha, os entrevistados apontaram o projeto Roteiros de Memória como uma ferramenta de valorização do saber-

Ademais, foi possível verificar a inovação na oferta de produtos e serviços vinculados aos espaços, aportando rendas adicionais aos seus responsáveis. Essas irradiações do projeto corroboram com as reflexões de Almeida e Martins (2021) acerca da importância dos pontos de memória, do seu caráter social e inclusivo e de como o TBC pode agregar valor às atividades que são desenvolvidas nos espaços socioprodutivos da Ilha.

## AVANÇOS E DESAFIOS NA CONSOLIDAÇÃO DO TBC NA ILHA DE CARATATEUA

Um ponto em comum entre os entrevistados que vale a pena destacar é sua chegada em Caratateua após a construção da Ponte Enéas Pinheiro. Ainda que esses atores sociais não tenham nascido na localidade. Guarnecidos de um saber-fazer repassados intergeracionalmente e que se mescla com os atributos naturais locais, esses atores constroem a territorialidade de Caratateua, juntamente aos pioneiros que ali já estavam.

As preocupações desses atores também se referem a repassar às crianças e jovens o afeto e conhecimento da cultura e o saber-fazer que movimenta o território. Os responsáveis pelos pontos de memória, em geral, mencionam seu interesse em deixar aos mais jovens os conhecimentos sobre o Boi Bumbá, os Cordões de Pássaros, as práticas e o manejo das ervas, plantas medicinais e PANCs; além da importância da relação com o meio natural em que se vive. Da mesma forma, as músicas também são evidenciadas como patrimônio que deve ser transmitido para as gerações seguintes, tendo em vista que remetem a momentos vividos ou às místicas locais: à relação com as águas, rios, igarapés; ao folclore paraense e às suas manifestações de fé.

Quando questionados acerca das potencialidades do TBC existentes na Ilha, os entrevistados apontaram o projeto Roteiros de Memória como uma ferramenta de valorização do saber-fazer, da cultura e dos bens naturais que a Ilha tem. Esse é um meio para mostrar que a prática turística em Caratateua deve ir – e vai – além das suas belas praias. As figuras 4 e 5 sintetizam, em uma nuvem de palavras, as principais potencialidades e desafios para a consolidação do TBC em Caratateua apontados pelos entrevistados.

Figura 4: Potencialidades para o TBC em Caratateua



Fonte: Autoria própria, 2022.

Na perspectiva dos entrevistados, a cultura e as belezas naturais são as principais potencialidades que Caratateua tem no desenvolvimento do TBC (Figura 4). A Ilha tem uma cultura diversa que abarca o Boi Bumbá, o Cordão de Pássaros, distintos artesãos, fazedores de cultura, grupos parafolclóricos, entre outros. Tais atrativos, que mesclam materialidade e imaterialidade, segundo Sampaio (2007), são pouco percebidos e valorizados na maioria dos planejamentos turísticos elaborados de maneira tecnicista, convencional, o que evidencia também uma especificidade dos atrativos turísticos de Caratateua.

Apesar das potencialidades apontadas, esses atores afirmam que mais estímulos e incentivos são necessários para fortalecer tais iniciativas. O roteiro de memória possibilitou evidenciar esse outro lado sociocultural da Ilha, deu voz aos comunitários e incentivo para melhorar e dar continuidade aos projetos, grupos e ações locais.

Na figura 5, por outro lado, observa-se que ambas as palavras, “incentivo” e “estímulo”, são apontadas pelos entrevistados como fatores que dificultam a consolidação do TBC na Ilha. Estes também mencionaram que a falta de um transporte de qualidade e a descontinuidade dos projetos relacionados ao TBC são desafios a serem superados.

Figura 5: Desafios para o TBC em Caratateua



Fonte: Autoria própria, 2022.

Para os responsáveis pelos pontos de memória pesquisados, a falta de incentivo por parte do poder público é a maior dificuldade encontrada para o desenvolvimento do TBC na ilha, inclusive tornando-se um obstáculo para a própria difusão dos projetos locais, que precisam se articular e captar recursos através de aprovações de projetos e acesso a editais voltados para a área.

As análises de Coriolano e Leitão (2008) e de Sampaio (2007) revelam que as comunidades locais necessitam do apoio de iniciativas públicas e/ou privadas, seja no desenvolvimento de projetos voltados para a prática turística ou ainda, no fortalecimento de práticas que se mostram efetivas dentro das comunidades.

Iara Coutinho traz ainda como obstáculo à consolidação do TBC o fator financeiro, haja vista que a comunidade local precisaria de impulso financeiro inicial para que tenha capacidade de desenvolver a atividade de forma autônoma. Inaiá Paes também reforça essa necessidade, pois “sabe que a questão financeira ajuda muito para tocar os projetos” (Informação verbal), tendo em vista que as modificações nos espaços são feitas através de recursos próprios como aposentadoria, contratos temporários, pelo aporte financeiro da atividade cultural através de editais e através das visitas com a venda de seus produtos.

A interrupção do Roteiros de Memória, que se deu entre os anos de 2020 e 2022, acabou por enfraquecer as articulações comunitárias. O Ecomuseu da Amazônia, juntamente com a Funbosque, importantes articuladores e incentivadores das produções locais, tiveram suas diretrizes e planos de ações modificados ao longo dos anos com as trocas de gestão e, mesmo com a Pandemia (Covid-19), repercutiu em limitações para a consolidação do TBC em Caratateua. Em suas investigações, Coriolano (2006), Silveira, Paixão e Cobos (2006) e Coriolano e Sampaio (2012) também evidenciam situações semelhantes quanto à pontos de fragilidade da ação pública no fortalecimento do TBC, por estarem pautadas em planos de governo com duração de quatro anos, ocasionando a morosidade e/ou descontinuidade dos projetos.

A partir da inserção dos atores sociais no roteiro de memória, foi possível observar que o processo de aprendizado facilitado pelo projeto teve resultados positivos, visto que, mesmo diante da descontinuidade da ação do Ecomuseu da Amazônia, algumas atividades vinculadas ao TBC continuaram sendo realizadas. Os pontos de memória continuaram a realizar as atividades de visita, com público mais reduzido e de forma individual, por exemplo. Isso é reflexo do trabalho de base que foi realizado junto a esses comunitários, com as reuniões, capacitações e envolvimento deles na construção dos roteiros.

Uns tiveram avanços maiores que outros, entretanto, é possível perceber que nenhum deles paralisou as atividades em seus espaços. Mobilizando as redes sociais que foram criadas por meio das visitas e das formações organizadas pelo Ecomuseu e pela visibilidade que os trabalhos tiveram; Mestre Apolo, por exemplo, seguiu com a venda dos cordéis e livros, e Profa. Mary e Mãe Sandra continuam comercializando os produtos do quintal socioprodutivo e os atrativos e casadinhos, respectivamente.

A superação das adversidades e a organização dos pontos de memória possibilitaram aos comunitários se reconhecerem como fazedores/produtores de cultura, enxergar o potencial que o espaço socioprodutivo dispõe para visita e troca de saberes, e compreender o TBC de forma potencial, tal como afirma a “Profª Mary, do Sítio da Natureza”:

[O TBC] é uma atividade que desperta na comunidade esse olhar coletivo, colaborativo de estar recebendo visitantes, pessoas, de forma que possa ser mais harmonizada e ter seus produtos de forma mais organizada nessa apresentação, para que as pessoas adquiram com um olhar de sustentabilidade[...] (informação verbal).

Dos sete entrevistados, quatro deles desenvolvem atividades vinculadas à produção e manutenção da cultura popular, como os “Grupos Parafolclóricos”, que se dedicam exclusivamente ao estudo das músicas e danças típicas da região” (Guimarães, 1996, p. 57). Os demais desenvolvem atividades vinculadas ao uso dos atributos ambientais como fauna, flora e os recursos hídricos. O incentivo à prática do TBC na Ilha vem evidenciando a possibilidade do uso responsável dos bens culturais e naturais, pautado nas diretrizes da sustentabilidade, para além da econômica.

Entretanto, esses atores destacam que o fato de o Ecomuseu da Amazônia estar vinculado à Funbosque acaba se tornando uma fragilidade, seja na captação de recursos financeiros (acesso a editais de incentivo), seja no desenvolvimento dos trabalhos junto à comunidade, visto que todos os trâmites burocráticos e de planejamento precisam do aval da Fundação. Isso, por vezes, limita o Ecomuseu a atividades escolares, restringindo o que seria seu objetivo principal, que é trabalhar o patrimônio local junto à comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TBC na Ilha de Caratateua tem um papel importante de manutenção da cultura popular, das práticas e dos saberes e fazeres. Também apresenta relevância na geração de renda, que apoia melhorias e a otimização dos espaços, além da preservação dos bens naturais que a Ilha possui, como os igarapés e os balneários.

Os resultados da pesquisa evidenciam o potencial que a Ilha de Caratateua detém acerca do desenvolvimento local através do TBC, como sua cultura popular, belezas naturais, seus artesãos, bem como alguns dos desafios para a sua consolidação, como a falta de incentivos e estímulos, a precariedade no transporte e a descontinuidade dos projetos que se mostram promissores. Notou-se que os saberes e fazeres, a(s) cultura(s) e bens naturais quando mobilizados, através do “Roteiro de Memória”, trazem alcances efetivos para a qualidade de vida dos atores sociais diretamente envolvidos com o TBC, e além, de toda a comunidade local.

É possível perceber a relevância das instituições governamentais, ONGs e iniciativas privadas na efetividade das atividades turísticas de base comunitária. O Ecomuseu da Amazônia e a FUNBOSQUE desempenham um papel de fortalecimento comunitário na construção de projetos de desenvolvimento local e apoio aos atores locais que já desempenham um papel importante na Ilha, buscando cada vez mais garantir um desenvolvimento baseado na sustentabilidade, subsidiariedade e responsabilidade.

Entretanto, as trocas de coordenadores enfraquecem os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos e a própria relação com a comunidade, que por sua vez, voltou a desenvolver seus trabalhos de forma segregada, não havendo uma articulação conjunta.

O turismo de base comunitária, quando consolidado, é capaz de agregar as características de solidariedade, sustentabilidade e responsabilidade para com o outro. Ele edifica-se, muitas vezes, apoiado no associativismo e cooperativismo, na gestão e protagonismo das comunidades locais, visando não somente a apropriação dos benefícios oriundos da atividade, mas da apropriação da sua cultura, dos saberes e fazeres e do território. Ainda não é possível observar esse tipo de organização por parte dos atores sociais, mas, ainda assim, a partir do contato ao projeto Roteiro de Memória, é possível perceber que estes passaram a se ver e reconhecer o potencial que a Ilha guarda.

A diversidade cultural e natural da Ilha de Caratateua e as singularidades dos modos de vida locais são elementos importantes à potencialização do TBC. Os roteiros patrimoniais turísticos permitiram que os comunitários da Ilha se apropriassem e contassem a história da forma protagonizada por eles, valorizando seus saberes e fazeres locais.

Entretanto, há muito o que se fazer ainda para consolidar a prática do TBC em Caratateua. O Ecomuseu junto à FUNBOSQUE, por exemplo, poderia estimular e incentivar uma organização própria desses comunitários de maneira que permita a eles uma constância maior no desenvolvimento das atividades, projetos e ações conjuntas, seja em formato de associação ou cooperativa, pois os atores sociais não estão articulados o suficiente para prosseguir com o desenvolvimento dos roteiros sozinhos, já que o Ecomuseu é quem estava à frente dessas articulações.

É compreensível que os estudos acerca do assunto não tenham se esgotado. Pretende-se através desta pesquisa, embasar investigações acadêmicas futuras, que possam mostrar possibilidades cabíveis para a realização do TBC em Caratateua, inclusive para auxiliar o Ecomuseu da Amazônia e a própria FUNBOSQUE a refletir ações contínuas que vislumbre a valorização da cultura, das singularidades e riquezas que a Ilha de Caratateua demonstrou dispor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. & GOMES, M. A. O. Ecoturismo e planejamento social. *Lavras: UFLA/FAEPE*, 2001. v. 103.

ALMEIDA, A. F.; MARTINS, M. T. R. Boas práticas em educação museal: Roteiro de memória do Ecomuseu da Amazônia na Ilha de Caratateua, Belém, Pará, Brasil. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 34, n. 54, p. 14-28, 2021. Acesso em: 23 ago. 2020.

ASSIS, G. C. de et al. Turismo comunitário como sistema de dádivas na Amazônia: uma aliança entre reciprocidade e autonomia na gestão local do turismo em Anã e Coroca, Santarém, PA. Orientador: Rodrigo C. D. Peixoto. 2021. Tese (Doutora em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2018.

BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. *Turismo de base comunitária*. Letra e imagem, 2009. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=turismo+de+base+Comunit%C3%A1ria+letra+e+imagem&btnG=#d=gs\\_qabs&t=1691289629953&u=%23p%3D4d02mQU2-foJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=turismo+de+base+Comunit%C3%A1ria+letra+e+imagem&btnG=#d=gs_qabs&t=1691289629953&u=%23p%3D4d02mQU2-foJ). Acesso em: 12 nov. 2020.

BELÉM. Secretária Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão - SEGEP: *anuário estatístico do município de Belém 2011.2012*.

BELÉM, *Plano Municipal de Turismo de 2021*. Disponível em: <https://belemtur.belem.pa.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/PLANO-MUNICIPAL-DE-TURISMO-VERSAO-FINAL-2021-1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BELEMTUR, atrações turísticas. [s.d.]. Disponível em: <https://belemtur.belem.pa.gov.br/atracoes-turisticas/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, I. B. G. E. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Censo demográfico, v. 2010, p. 11, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9662-censo-demografico-2010.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Turismo 2007/2010 – Uma Viagem de Inclusão*. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: [http://p.download.uol.com.br/guia/maua/dt/plano\\_nacional\\_turismo\\_2007\\_2010.pdf](http://p.download.uol.com.br/guia/maua/dt/plano_nacional_turismo_2007_2010.pdf). Acesso em: 12 nov. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. (2003). *Plano Nacional de Turismo*. Diretrizes, Metas e Programas. 2003-2007. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Edital de Chamada Pública de Projetos MTur/Nº 001/2008*. Seleção de Propostas de Projetos para Apoio às Iniciativas de Turismo de Base Comunitária. Brasília, 2008. Disponível em: [https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/14713/2/Tese\\_Monica%20Soares%20Rodrigues2.pdf](https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/14713/2/Tese_Monica%20Soares%20Rodrigues2.pdf). Acesso em: 12 nov. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Turismo 2018/2022 – Mais emprego e renda para o Brasil*. Brasília: Ministério do Turismo, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/pnt-2018-2022-pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BRAZILIANDO, *Turismo de Base Comunitária: protagonismo de comunidades locais e viagens sustentáveis*. 22, nov. de 2020. Disponível em: <<https://braziliando.com/pt/2020/01/22/turismo-de-base-comunitaria/>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

BURSZTYN, I.; BARTHOLO, R.; DELAMARO, M. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, p. 76-91, 2009. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/marcosaraujo/disciplinas/geografia-aplicada-ao-turismo/material-complementar/turismo-de-base-comunitaria-diversidades-de-olhares-e-experiencias-brasileiras/view>. Acesso em: 12 nov. 2020.

CAZELLI, S.; VALENTE, M. E. Incursões sobre os termos e conceitos da educação museal. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 3, n. 2, p. 18-40, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.40729>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/40729/30486>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CORIOLOANO, L. N. *O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza*. Annablume Editora, 2006.

CORIOLOANO, L. N.; SAMPAIO, C. A. C. *Discursos e concepções teóricas do desenvolvimento e perspectivas do turismo como indução*. Turismo, cultura e desenvolvimento. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-73, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Carlos-Sampaio-7/publication/333742829\\_Discursos\\_e\\_concepcoes\\_teoricas\\_do\\_desenvolvimento\\_e\\_perspectivas\\_do\\_turismo\\_como\\_inducao/links/5f405b5392851cd30213eed2/Discursos-e-concepcoes-teoricas-do-desenvolvimento-e-perspectivas-do-turismo-como-inducao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Carlos-Sampaio-7/publication/333742829_Discursos_e_concepcoes_teoricas_do_desenvolvimento_e_perspectivas_do_turismo_como_inducao/links/5f405b5392851cd30213eed2/Discursos-e-concepcoes-teoricas-do-desenvolvimento-e-perspectivas-do-turismo-como-inducao.pdf). Acesso em: 11 jun. 2021.

COSTA, H. A. *Destinos do turismo: percursos para a sustentabilidade*. Editora FGV, 2013.

DA SILVEIRA KROEF, R. F.; GAVILLON, P. Q.; RAMM, L. V. Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812020000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000200005). Acesso em: 16 set. 2021.

DE OLIVEIRA BARRETO, E.; DA COSTA TAVARES, M. G. Estado e terceiro setor na produção do espaço para o turismo de base comunitária na Amazônia paraense: o caso da comunidade ribeirinha Anã no município de Santarém-PA. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 16, n. 2, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.16n2.2016.1182>. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1182>. Acesso em: 23 ago. 2020.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002452047>. Acesso em: 18 set. 2021.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente: São Paulo: Universidade de São Paulo-USP, 2001, 176 p. URI: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/750> Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/750/2/Biodiversidade%20e%20comunidades%20tradicionais%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FIGUEIREDO, S. L. Alternativas de Turismo de Base Comunitária na Amazônia Legal brasileira. *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, n. 54, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.45154> Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/45154>. Acesso em: 22 out. 2020.

GUIMARÃES, J. *Icoaraci: A monografia do mega distrito*. Belém: Delta, 1996. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=icoaraci%3A+a+monografia+do+mega+distrito&btnG=#d=gs\\_qabs&t=1691288473600&u=%23p%3D6e2zjyCbnhsJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=icoaraci%3A+a+monografia+do+mega+distrito&btnG=#d=gs_qabs&t=1691288473600&u=%23p%3D6e2zjyCbnhsJ). Acesso em: 09 ago. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

JESD JUNIOR, J. E. S. D. *A prática cultural do Boi Bumbá na cidade de Belém: uma representação suburbana*. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/component/cobalt/user-item/542-sergiomariz/17929-a-pratica-cultural-do-boi-bumba-na-cidade-de-belem-uma-representacao-suburbana?Itemid=1092>. Acesso em: 21 out. 2020.

MAIA, A. M. G.; NUNES, J. R.; CRUZ, S. H. R. *Ilha do Combu: um olhar sob as perspectivas conceituais do lazer e seus equipamentos*. *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*, v. 10, n. 2, 2017. DOI: <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2017.v10.6587>. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6587>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MALDONADO, C. *Oturismoruralcomunitária na América Latina: gênese, características e políticas*. Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, p. 25-44, 2009. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/marcosaraujo/disciplinas/geografia-aplicada-ao-turismo/material-complementar/turismo-de-base-comunitaria-diversidades-de-olhares-e-experiencias-brasileiras/view>. Acesso em: 13 jul. 2021.

MARTINS, M. T. R. *Ecomuseu da Amazônia: uma experiência ao serviço do desenvolvimento comunitário no município de Belém-PA*. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 27, n. 41, p. 315-328, 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2610>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MAUÉS, M. *Pássaros juninos do Pará: a matutagem e suas relações com o cômico popular medieval e renascentista*. *Repertório: Teatro & Dança*, Salvador, ano 13, n. 14, p. 37-41, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2034/1/4662-11938-1-PB.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

MINAYO, M. C. S. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 621-626, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2021.

MINAYO, M. C. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. In: MINAYO, M. C. (org.). *Trabalho de Campo: Contexto de observação, interação e descoberta*. 26. Ed. Petrópolis, 2011. p. 61-108.

MORAES, E. A.; IRVING, M. A. Turismo de base comunitária: entre utopias e caminhos possíveis no contexto brasileiro. *Turismo: ressignificando sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Folio Digital/ Letra e Imagem, p. 317-345, 2018. Disponível em: <https://www.ufjf.br/turismo/files/2021/03/TUR086-Desenvolvimento-Comunidades-e-Turismo.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

PEREIRA, M. R. N. *Pontos de Memória: experiência museal insurgente e decolonizadora*. Orientadores: Mário S. Chagas e Mario C. Moutinho. 2018. Tese (Doutor em Museologia, no Curso de Doutorado em Museologia) – conferida pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018.

SAMPAIO, C. A. C. Turismo como Fenômeno Humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. *Revista Turismo em Análise*, v. 18, n. 2, p. 148-165, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v18i2p148-165>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/62595/65383>. Acesso em: 24 jun. 2020.

SAMPAIO, C. A. C.; COUTINHO, G. C. T. P.; RODRIGUES, L. P. *Fatores motivacionais do turista comunitário: O caso do projeto bagagem*. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, v. 9, São Paulo, 2012. p. 1-13. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1399>. Acesso em: 24 jun. 2020.

SANCHO, A.; DE AZEVEDO IRVING, M. Interpretando o Plano Nacional de Turismo 2003/2007 sob a ótica da inclusão social. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 10, n. 3, p. 103-120, 2010.

SILVA, F. P. S.; SÁ, N. S. C. *Cartilha (in)formativa sobre Turismo de Base Comunitária “O ABC do TBC”*. Bahia: EDUNEB, 2012. Acesso em: 26 mar. 2021.

SILVEIRA, C.; PAIXÃO, D.; COBOS, V. Políticas públicas do turismo e a política no Brasil: singularidades e (des) continuidade. *Ciência e Opinião, Curitiba*, v. 3, n. 1, p. 120-135, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/342956938\\_Políticas\\_Publicas\\_de\\_Turismo\\_e\\_a\\_Politica\\_no\\_Brasil\\_singularidades\\_e\\_descontinuidade](https://www.researchgate.net/publication/342956938_Políticas_Publicas_de_Turismo_e_a_Politica_no_Brasil_singularidades_e_descontinuidade). Acesso em: 14 nov. 2021.

SOUSA, R. *Entre o rio e a rua: cartografia de saberes artístico-culturais da Ilha de Caratateua, Belém do Pará*. EDUEPA. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josebel Akel Fares, 2010. Dissertação (Mestre em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação na linha Saberes Culturais) – conferida pela Universidade do Estado do Pará, 2010.